

Descortina-se o palco; o cenário revela os diversos locais em que se desenrolarão as cenas – trecho de uma favela cearense, tapera, sítio da quermesse – e por onde desfilarão homens e mulheres com suas alegrias e dores, de boa índole, de má índole... julgue o caro espectador. Convidamos você a deleitar-se na obra *Três peças escolhidas*, do dramaturgo e ativista da cultura cearense **Eduardo Campos**. Quais diretores teatrais, dirigimos e montamos esta peça; mas, ao descortinar o palco, quais protagonistas, os aplausos são todos seus, caro vestibulando.

01. Para completar o quadro 2, transcreva, do quadro 1, apenas as informações corretas – no tocante às personagens principais, ao local, ao enredo e à época – sobre as três peças de Eduardo Campos.

QUADRO 1					
PERSONAGEM PRINCIPAL			LOCAL		
Amelinha	Julietta	Maria Madalena	Água Fria	Gengibre	Papicu
Elvira	Lolita	Rosa	Aldeota	Jangurussu	Pirambu
Emília	Margarida	Valdelice	Barroso	Lagamar	Praia de Iracema
Esmeralda	Maria Galante		Dunas	Meireles	
ENREDO			ÉPOCA		
A protagonista muda o seu comportamento a partir da chegada de seu pai.			Março, mês de São José, de um ano qualquer.		
A protagonista muda o seu comportamento a partir da chegada de sua mãe.			Maio, mês de Nossa Senhora, de um ano qualquer.		
A protagonista é desalojada de sua casa pela força do dinheiro e da Lei.			Julho, mês da morte de Padre Cícero, de um ano qualquer.		
A protagonista é desalojada de sua casa devido à seca que assola a região.			Entre os meses de dezembro e fevereiro, ou entre o Natal e o Carnaval.		
A protagonista é traída pelo homem que ama, mas se reconcilia com ele no final da história.			Entre os meses de janeiro e março, ou entre o Dia de Reis e o Dia Internacional da Mulher.		
A protagonista é levada a mentir para os outros quanto ao caráter do homem que ama, mas, no final da história, com ele se reconcilia.			Entre os meses de fevereiro e abril, ou entre o Carnaval e a Páscoa.		

QUADRO 2			
	O Morro do Ouro	A Rosa do Lagamar	A donzela desprezada
Principal personagem da peça:			
Local de Fortaleza em que a história acontece:	Morro do Ouro, favela de Fortaleza.		
Enredo da peça:			
Época em que se dá o início da história:		Período em que começa a ocupação e a urbanização de bairros nobres de Fortaleza.	

Questão 01

Respostas quanto à peça “O Morro do Ouro”: principal personagem da peça: *Maria Madalena*; enredo da peça: *a protagonista muda o seu comportamento a partir da chegada de sua mãe*; época em que se dá o início da história: *maio, mês de Nossa Senhora, de um ano qualquer*. **Respostas quanto à peça “A Rosa do Lagamar”:** principal personagem da peça: *Rosa*; local de Fortaleza em que a história acontece: *Aldeota*; enredo da peça: *a protagonista é desalojada de sua casa pela força do dinheiro e da Lei*.

Respostas quanto à peça “A donzela desprezada”: principal personagem da peça: *Amelinha*; local de Fortaleza em que a história acontece: *Pirambu*; enredo da peça: *a protagonista é levada a mentir para os outros quanto ao caráter do homem que ama, mas, no final da história, com ele se reconcilia*; época em que se dá o início da história: *entre os meses de dezembro e fevereiro, ou entre o Natal e o Carnaval*.

Comentário: a questão 01 exige do vestibulando que, a partir da leitura das três peças de Eduardo Campos, ele seja capaz de reconhecer os elementos mais básicos de cada uma das histórias: a principal personagem, o local em que acontece, o enredo e a época em que se inicia. Vale salientar que as informações em torno dos elementos aqui levantados ou foram dadas ao longo das peças (dentro do corpo das rubricas ou das falas das personagens) ou se revelam, ao final delas, depois de uma leitura atenta: no primeiro caso, temos as informações em torno do tempo, do espaço e da personagem principal; no segundo caso, temos a questão do enredo. Sendo assim, a época em que tem início a história de Maria Madalena e das demais personagens de “O Morro do Ouro” é-nos transmitida pela fala de Zé Valentão, logo no começo da peça, quando ele se dirige à Madalena: “(Tornando-se eufórico), Não estamos no mês de maio? Maio não é o mês de Maria? (Decidido) Não faço feio no mês de Nossa Senhora” (p. 14). Com relação à personagem principal de “O Morro do Ouro”, devemos dizer que se trata de Maria Madalena: é em torno dela que toda a história gira. Sensibilizado com a história de Maria Madalena e com vontade de ajudá-la (“O importante é ajudarmos d. Madalena!” – p. 74), o povo do Morro do Ouro muda, ao final da peça, o seu comportamento graças à mudança de comportamento da protagonista; mudança causada, certamente, pela chegada de sua mãe, D. Elvira. Portanto, temos o seguinte enredo para a peça “O Morro do Ouro”: a protagonista muda o seu comportamento a partir da chegada de sua mãe. Já “A Rosa do Lagamar”, ao contrário do que se pode imaginar por conta do título da peça, traz uma história que ocorre no bairro da Aldeota, local para onde Rosa se muda, após sair, aí sim, do Lagamar (“**Rosa** – (A ponto de irritar-se) Cala a boca! Se seu pai estivesse aqui, as coisas eram outras! (Retira-se) É homem direito. Quando voltar, vai-se admirar de como tirei o pé da lama... (Pausa) Eu não podia acabar meus dias no Lagamar... / **Maria** – Aí a mamãe quis mostrar que era gente ‘caixa alta’... e veio morar na Aldeota” – p. 99). A protagonista da peça em questão é Rosa, que resolve morar num bairro que não a aceita, pelo fato de ela não pertencer à elite fortalezense; logo, é desalojada de sua casa pelos poderosos: pelos ricos, porque eles queriam o espaço em que a casa de Rosa estava construída (“**Julietta** – Malcriada! Mostro-lhe que a casa será minha!” – p. 118), e pela Justiça, que compactuou com a elite, neste caso. Assim, tem-se o enredo de “A Rosa do Lagamar”: a protagonista é desalojada de sua casa pela força do dinheiro e da Lei. Por fim, a época em que se dá a história de “A donzela desprezada” é-nos enunciada a partir dos festejos que acontecem logo no início da peça, os quais giram em torno do pastoril. De acordo com o *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, o pastoril é um “grupo de foliões que desfila aos sábados, desde o Natal até as vésperas do carnaval, em que as pastoras se dividem em duas filas paralelas: o cordão azul e o cordão encarnado”. Sendo assim, a história tem o seu início entre os meses de dezembro e fevereiro, ou seja, depois do Natal e antes do Carnaval. Com relação ao local de Fortaleza onde a história de Amelinha, a personagem principal de “A donzela desprezada”, acontece, devemos dizer que se trata do bairro Pirambu: “**Delegado** – É coisa melhor! (Confidenciando) Uma rainha perdeu a honra no dia da coroação. Imagine! A rainha da quermesse do Pirambu... desencaminhada pelo motorista da entrega sistemática de gás...” (p. 207). Durante a peça, Amelinha é levada, pela sua mãe (que não quer escândalos em torno de si e da filha), pelo agente de polícia, pelo permanente, pelo delegado e pelo repórter Benedito (que querem adquirir reconhecimento pelo “serviço” que prestaram à sociedade), a mentir com relação ao caráter de Edmundo, o homem que ela ama. Apesar de ter sido tomado por irresponsável e por corruptor de menores (por causa das mentiras inventadas em torno de sua pessoa), Edmundo perdoa Amelinha, reconcilia-se com ela, e, no final da peça, os dois vão embora do Pirambu. Assim, temos o seguinte enredo para “A donzela desprezada”: a protagonista é levada a mentir para os outros quanto ao caráter do homem que ama, mas, no final da história, com ele se reconcilia.

Pontuação: a questão vale dez pontos, sendo um ponto para cada indicação correta quanto aos elementos *personagem principal, espaço, enredo e tempo* de cada uma das peças de Eduardo Campos requeridos pela tabela.

02. Lêem-se, a seguir, aspectos sociais, econômicos, políticos, religiosos e culturais da cidade de Fortaleza e do Estado do Ceará que foram abordados por Eduardo Campos em *Três peças escolhidas*. Escreva, ao lado de cada um dos aspectos apresentados, o nome da peça na qual ele aparece.

ASPECTO ABORDADO	TÍTULO DA PEÇA
Crítica aos candidatos à assembleia municipal que, sem nenhum escrúpulo, compram os votos da população para, depois, sentirem-se livres da tarefa de cuidar dos interesses coletivos, esquecendo as promessas que fizeram aos eleitores em época de campanha. Na peça, esse tipo de candidato é representado por Dr. Gervásio.	
Crítica à burguesia, classe mais abastada da população, que, devido ao dinheiro que possui, pensa que pode tudo. Na peça, essa classe é simbolizada por Dr. Severiano e por sua mulher.	
Crítica às instituições do Governo do Estado que mostram desconhecer a verdadeira realidade dos menos favorecidos economicamente e que, por isso mesmo, tornam-se incapazes de socorrê-los naquilo de que eles mais precisam. Na peça, essas instituições encontram-se simbolizadas pela Monitora, por Brigitte e por Suzete.	
Exaltação do catolicismo, sobretudo o do povo cearense, a partir da devoção à figura de Padre Cícero Romão Batista. Na peça, tal adoração é realizada por D. Elvira.	
Exaltação do folclore brasileiro, a partir da representação, em determinado momento da peça, do Bumba-meu-boi, realizada pelo personagem Zé Valentão.	
Exaltação do folclore brasileiro, a partir da presença, na peça, do pastoril, manifestação popular em que as pastoras, ao lado dos foliões, dividem-se em duas filas paralelas: a do cordão azul e a do cordão encarnado. Na peça, o pastoril encontra-se bem representado pela personagem principal.	
Crítica ao autoritarismo da polícia, que oprime e maltrata, sobretudo, a população mais carente, mais pobre. Na peça, essa polícia encontra-se representada pelas figuras do policial e do investigador.	
Respeito à família, enquanto instituição social, a partir de uma tentativa de preservação de um casamento há muito acabado. Na peça, o casamento “naufragou” após o afastamento do capitão Crispim, o marido.	
Crítica à Justiça, que sempre fica ao lado dos mais afortunados, ainda que ela afirme ser “cega” e representar a imparcialidade do Tribunal de Justiça do Estado. Na peça, a (in)Justiça encontra-se simbolizada pelo oficial de justiça.	
Presença do catolicismo popular, a partir da mistura do catolicismo oficial com o ocultismo. Esse tipo de sincretismo encontra apoio em boa parte das personagens da peça, que procuram a “cartomante do elixir” para saber do futuro.	

Questão 02

Respostas: *O Morro do Ouro; A Rosa do Lagamar; O Morro do Ouro; O Morro do Ouro; O Morro do Ouro; A donzela desprezada; O Morro do Ouro; A Rosa do Lagamar; A Rosa do Lagamar; A donzela desprezada.*

Comentário: a questão 02 exige do vestibulando, sobretudo, uma leitura crítica das peças de Eduardo Campos selecionadas para esta prova, o que inclui o conhecimento das personagens dessas peças a partir das quais essas críticas se manifestam. Espera-se que o candidato seja capaz de perceber as críticas que Eduardo Campos tece, por meio de algumas personagens, às camadas mais abastadas da população e às instituições governamentais e jurídicas, devido ao modo como estas tratam o povo mais humilde do Ceará, em especial, da cidade de Fortaleza. Contudo, em *Três peças escolhidas*, nem tudo é denúncia e crítica: o autor também exalta, por meio de algumas personagens, as manifestações religiosas (principalmente aquelas relacionadas ao catolicismo) e folclóricas dos cearenses. Assim, nesta questão, obteve êxito o vestibulando que escreveu corretamente, ao lado do aspecto social, econômico, político, religioso ou cultural levantado, o nome da peça de Eduardo Campos na qual tal aspecto se faz presente. Sendo assim, o primeiro aspecto, “Crítica aos candidatos à assembleia municipal que, sem nenhum escrúpulo, compram

os votos da população para, depois, sentirem-se livres da tarefa de cuidar dos interesses coletivos, esquecendo as promessas que fizeram aos eleitores em época de campanha”, encontra-se presente em “O Morro do Ouro”; a crítica aos candidatos à câmara dos vereadores de Fortaleza é evidenciada pela figura da personagem Dr. Gervásio. O segundo aspecto, “Crítica à burguesia, classe mais abastada da população que, devido ao dinheiro que possui, pensa que pode tudo”, encontra-se em “A Rosa do Lagamar”, da qual emerge, de forma bastante contundente, uma crítica às camadas mais ricas da população fortalezense, representadas por Dr. Severiano e por sua mulher, D. Julieta. O terceiro aspecto, “Crítica às instituições do Governo do Estado que mostram desconhecer a verdadeira realidade dos menos favorecidos economicamente e que, por isso mesmo, tornam-se incapazes de socorrê-los naquilo de que eles mais precisam”, encontra-se em “O Morro do Ouro”, a partir da visita das assistentes sociais ao local onde se desenrola a história. Elas parecem desconhecer o modo como vivem as pessoas da periferia de Fortaleza; exatamente por isso, não sabem o que esperar desse povo nem como se dirigir a ele. Os conselhos dados por essas profissionais aos habitantes do Morro do Ouro são vãos; a linguagem por elas utilizada é distante daquela falada pela população de baixa renda. Em suma, a Monitora, Brigitte e Suzete representam as pessoas instruídas que não possuem a capacidade de pôr em prática aquilo que aprenderam nas disciplinas dos cursos que fizeram e nas leituras que realizaram em livros. Exatamente por isso, por não entenderem as reais necessidades da população, não conseguem traçar nem executar planos governamentais capazes de ajudar a parcela da população fortalezense que realmente precisa de algum auxílio. O quarto aspecto, “Exaltação do catolicismo, sobretudo o do povo cearense, a partir da devoção à figura de Padre Cícero Romão Batista”, encontra-se também presente em “O Morro do Ouro”, a partir do momento em que D. Elvira, mãe da protagonista da peça, Maria Madalena, resolve organizar uma novena em devoção ao “Padim”, em frente à casa da filha. O quinto aspecto, “Exaltação do folclore brasileiro, a partir da representação, em determinado momento da peça, do Bumba-meu-boi”, é também encontrado em “O Morro do Ouro”, quando, para esconder a “moamba” e para despistar a polícia, o contrabandista Zé Valentão realiza, com os seus, uma apresentação do Bumba-meu-boi no Morro do Ouro. A “moamba” estava escondida dentro da armação de madeira, coberta com lona, que representava o boi. O sexto aspecto, “Exaltação do folclore brasileiro, a partir da presença, na peça, do pastoril, manifestação popular em que as pastoras, ao lado dos foliões, dividem-se em duas filas paralelas: a do cordão azul e a do cordão encarnado”, encontra-se em “A donzela desprezada”, simbolizada na personagem principal, Amelinha, a “Rainha do partido azul, da cor do céu, do manto da Virgem Maria” (p.173). Vale salientar que, na peça, o fato de Amelinha ser uma das figuras mais importantes de uma festa religiosa, como é o caso do pastoril, dá a ela uma aura de moça pura, o que serve para justificar o rumo que a história toma. Portanto, o pastoril, na peça, não representa uma festa somente, mas algo que está estreitamente ligado à história e que ajuda a explicar determinados comportamentos de algumas personagens. O sétimo aspecto, “Crítica ao autoritarismo da polícia, que oprime e maltrata, sobretudo, a população mais carente, mais pobre”, encontra-se em “O Morro do Ouro”, quando da chegada do investigador e do policial ao local em que se passa a história, para saber de Zé Valentão e da quadrilha. Nesse momento, alguns personagens são destratados pela polícia, como é o caso da lavadeira, de Patrício, o dono do bar, e de D. Elvira, mãe de Madalena. Vale salientar que a polícia (ou os maus-tratos da polícia) também aparece nas duas outras peças; contudo, a figura do investigador pertence apenas a “O Morro do Ouro”. O oitavo aspecto, “Respeito à família, enquanto instituição social, a partir de uma tentativa de preservação de um casamento há muito acabado”, encontra-se em “A Rosa do Lagamar”, nos momentos em que Rosa, a protagonista, cultua a figura do marido, que a abandonou, como se ele fosse um santo, e defende-o contra as acusações que lhe são feitas pela filha e por amigos. Rosa acredita que a família coesa é algo necessário ao bem-estar de todos: ao dela, porque acha ser necessário um homem em casa para que seja respeitada pelos outros; ao da filha, porque a presença do pai poderia evitar que algum homem mal-intencionado dela se aproveitasse; ao do marido, porque ele teria, ao chegar do trabalho, quem dele cuidasse e quem lhe satisfizesse todas as vontades. O nono aspecto, “Crítica à Justiça, que sempre fica ao lado dos mais afortunados, ainda que ela afirme ser ‘cega’ e representar a imparcialidade do Tribunal de Justiça do Estado”, faz-se presente em “A Rosa do Lagamar”, nos momentos em que o oficial de justiça aparece na peça: primeiro, como mensageiro; depois, para cumprir a ordem que lhe foi dada pelo juiz do Tribunal de Justiça do Estado: expulsar Rosa de casa. O décimo aspecto, “Presença do catolicismo popular, a partir da mistura do catolicismo com o ocultismo”, encontra-se em “A donzela desprezada”, a partir do momento em que as personagens, apesar de supostamente católicas, dirigem-se à cartomante Lolita para saber do futuro. A essa mistura de crenças dá-se o nome de sincretismo. O catolicismo oficial, ou seja, aquele pregado pela Igreja Católica Apostólica Romana, condena esse tipo de prática religiosa, comum entre seus adeptos.

Pontuação: a questão vale dez pontos, sendo um ponto para cada indicação correta quanto ao nome da peça em que se encontra o aspecto levantado.

03. Devido a características inerentes ao próprio gênero (manifestar-se por meio de falas, de diálogos), não há, na maioria das peças teatrais, espaço suficiente para as descrições físicas e psicológicas das personagens. As caracterizações podem ser realizadas de duas formas: por meio da utilização de personagens-tipo e/ou por meio do que podemos inferir das personagens a partir de suas falas. Temos, a seguir, falas das mais diversas personagens de *Três peças escolhidas*, de Eduardo Campos. Com base no quadro a seguir, escreva, ao lado de cada uma dessas falas, o nome da personagem que a proferiu.

Amelinha – Benedito – Crispim – Dr. Gervásio – Dr. Severiano – Edmundo – Elvira – Emília – Esmeralda – Ezequiel (Seu Fortuna) – Julieta – Lavadeira – Lolita – Margarida – Maria Galante – Maria Madalena – Rosa – Valdelice – Vasques – Zé Valentão

FALA DA PERSONAGEM	NOME DA PERSONAGEM
“(Falando aos borbotões). Mamãe vai chegar! Deve estar vindo por aí. Esta carta. Veja... Mamãe vem aí. (Outro tom). E agora? Como é que vai ser? A coitada pensa que sou donzela... e eu não passo de uma. (Engole a palavra). Que faço?”	
“Que bom! Só assim meu casamento sairá logo. O Vasques me disse que o problema é o enxoval”.	
“(Aos homens) Esqueçam o que a minha filha disse! Entendam a situação da moça que se transforma diante da maldade de um libertino. (Lembrando-se de repente) E o meu emprego? Se o vigário souber, não me perdoará. Oh, mas todos são testemunhas, eu me esforcei em criá-la com rigor. (À filha) Tudo de melhor era para você, contanto chegasse em casa, não demorasse na rua...”	
“Ainda bem. (Outro tom). Mas se estiver pensando em casar com ela, terá que reformar primeiro o seu estabelecimento comercial. [...] Terá que deixar de vender cachaça. Não tolero tal bebida. Essa desgraçada acabou com a vida do meu finado marido”.	
“Sirvo o quê! Detesto álcool (Explicando) Comprei só uma garrafa de vinho, porque quero que o meu ‘capitão’ comemore quando se encontrar comigo...”	
“Perfeitamente. Como a senhora sabe, eu vivia atolado na mentira, na falsidade. Inventava sonhos que nunca tinha tido. E tudo, só para iludir, para enganar... (Pausa). Não quer comprar uma medalhinha do santo?”	
“Como vendedor ambulante, doutor. Vendo tudo: loção, desodorante, óculos de grau, bilhete de loteria...”	
“Deixe por minha conta! Sei o que estou fazendo. (A se lembrar de algo) Ai, que posso ajeitar melhor o vestido. (À Maria Galante) Vamos apertá-lo; está um pouco frouxo na cintura (Outro tom) Volto logo (Sai)”.	
“É mentira! (Pausa. Puxa uma fumaçada de cigarro, visivelmente nervoso). Fui preso, sofri o diabo. Perdi tudo naquela noite. O deputado que me prometeu cobertura não apareceu... (Pausa). Houve uma hora, na delegacia, que jurei plantar a mão na cara do delegado. Mas lhe juro que não fiz porque estava pensando em me livrar ‘deles’, e outra vez vir correndo para cá... lhe contar anedota de papagaio, de português... e... tê-la em meus braços, na cama, entende? Um homem não esquece o corpo da mulher que ama”.	
“Não é isso. Estou de regime. Quero ficar mais tempo em pé para emagrecer. (Pausa. Ao marido) É melhor você ir logo ao assunto, pois tenho compromissos na cidade. Ainda vou ao chá das Voluntárias”.	

Questão 03

Respostas: Maria Madalena; Maria Galante; Valdelice; Elvira; Rosa; Ezequiel ou Seu Fortuna; Vasques; Emília; Zé Valentão; Julieta.

Comentário: a questão 03 exige do vestibulando uma leitura atenta de *Três peças escolhidas*, a fim de que ele possa identificar as personagens dessas peças a partir de suas falas. Vale salientar que cada uma das falas das personagens presentes nesta questão traz um traço bastante característico de quem a proferiu. Sendo assim, a primeira fala – “(Falando aos borbotões). Mamãe vai chegar! Deve estar vindo por aí. Esta carta. Veja... Mamãe vem aí. (Outro tom). E agora? Como é que vai ser? A coitada pensa que sou donzela... e eu não passo de uma. (Engole a palavra). Que faço?” (p. 43) – pertence à personagem Maria Madalena, de “O Morro do Ouro”. Como traços característicos dessa personagem, temos o respeito a sua mãe, Elvira, e o fato de Maria Madalena não ser uma donzela, mas uma prostituta, o que Madalena não ousa dizer. Sabe-se que somente em “O Morro do Ouro” a filha encontrava-se, no

início da história, distante da mãe (nas outras peças, Maria Galante morava com Rosa, sua mãe, e Amelinha morava com Valdelice) e era uma prostituta. A segunda fala – “Que bom! Só assim meu casamento sairá logo. O Vasques me disse que o problema é o enxoval” (p. 112) – pertence à personagem Maria Galante, de “A Rosa do Lagamar”. Como traços característicos dessa personagem, temos a alusão do seu casamento com Vasques, personagem de “A Rosa do Lagamar”, que era noivo da filha da protagonista. A terceira fala – “(Aos homens) Esqueçam o que a minha filha disse! Entendam a situação da moça que se transforma diante da maldade de um libertino. (Lembrando-se de repente) E o meu emprego? Se o vigário souber, não me perdoará. Oh, mas todos são testemunhas, eu me esforcei em criá-la com rigor. (À filha) Tudo de melhor era para você, contanto chegasse em casa, não demorasse na rua...” (p. 181) – pertence à Valdelice, personagem de “A donzela desprezada”. Caracterizam-na o fato de sua filha, segundo sua versão, ter sido vítima de um libertino (Edmundo) e o fato de ela trabalhar para o vigário (Valdelice é a única personagem de *Três peças escolhidas* que realiza este trabalho). A quarta fala – “Ainda bem. (Outro tom). Mas se estiver pensando em casar com ela, terá que reformar primeiro o seu estabelecimento comercial. [...] Terá que deixar de vender cachaça. Não tolero tal bebida. Essa desgraçada acabou com a vida do meu finado marido” (p. 64-65) – pertence à personagem Elvira, de “O Morro do Ouro”. Como traços característicos de Elvira, temos o fato de ela ser viúva e de ter se dirigido a um vendedor de cachaça, Patrício, imaginando que ele pudesse estar interessado em sua filha, Madalena. A quinta fala – “Sirvo o quê! Detesto álcool (Explicando) Comprei só uma garrafa de vinho, porque quero que o meu ‘capitão’ comemore quando se encontrar comigo...” (p. 123) – pertence à personagem Rosa, de “A Rosa do Lagamar”. Identificamo-la pelo fato de ela, apesar de detestar álcool, ter comprado uma garrafa de vinho apenas para comemorar a chegada do seu “capitão”, ou seja, o seu marido. Rosa é a única personagem, em *Três peças escolhidas*, a ter como marido um marinheiro. A sexta fala – “Perfeitamente. Como a senhora sabe, eu vivia atolado na mentira, na falsidade. Inventava sonhos que nunca tinha tido. E tudo, só para iludir, para enganar... (Pausa). Não quer comprar uma medalhinha do santo?” (p. 77) – pertence à personagem Ezequiel (ou Seu Fortuna), de “O Morro do Ouro”. Tal identificação dá-se pelo fato de ele vender, num primeiro momento, seus “sonhos” à população do Morro do Ouro; depois, medalhinhas de santos. A sétima fala – “Como vendedor ambulante, doutor. Vendo tudo: loção, desodorante, óculos de grau, bilhete de loteria” (p. 101) – pertence à personagem Vasques, de “A Rosa do Lagamar”. Caracteriza Vasques o fato de ele vender de tudo um pouco (loção, desodorante, bilhetes de loteria e até óculos de grau”), diferentemente do que acontecia a Ezequiel, de “O Morro do Ouro”. A oitava fala – “Deixe por minha conta! Sei o que estou fazendo. (A se lembrar de algo) Ai, que posso ajeitar melhor o vestido. (À Maria Galante) Vamos apertá-lo; está um pouco frouxo na cintura (Outro tom) Volto logo (Sai)” (p. 139) – pertence à Emília, de “A Rosa do Lagamar”, e pode ser identificada pelo fato de ela ter ajeitado o vestido da personagem Maria Galante. Em *Três peças escolhidas*, outra personagem que realizou um trabalho semelhante, mas com Maria Madalena, foi a modista Esmeralda; porém, ambas são personagens de “O Morro do Ouro”. A nona fala – “É mentira! (Pausa. Puxa uma fumaçada de cigarro, visivelmente nervoso). Fui preso, sofri o diabo. Perdi tudo naquela noite. O deputado que me prometeu cobertura não apareceu... (Pausa). Houve uma hora, na delegacia, que jurei plantar a mão na cara do delegado. Mas lhe juro que não fiz porque estava pensando em me livrar ‘deles’, e outra vez vir correndo para cá... lhe contar anedota de papagaio, de português... e... tê-la em meus braços, na cama, entende? Um homem não esquece o corpo da mulher que ama” (p. 86) – pertence à personagem Zé Valentão, de “O Morro do Ouro”. É possível identificá-lo pelo fato de ele ter sido preso e de ter, o tempo todo, pensado em sair da cadeia. Outra personagem de *Três peças escolhidas* que chegou a estar na presença do delegado foi Edmundo; porém, na peça, não fica explícito se ele foi preso. Além disso, a fala arrogante que está aí transcrita não se enquadra no perfil de Edmundo, mas no de Zé Valentão. A décima fala – “Não é isso. Estou de regime. Quero ficar mais tempo em pé para emagrecer. (Pausa. Ao marido) É melhor você ir logo ao assunto, pois tenho compromissos na cidade. Ainda vou ao chá das Voluntárias” (p. 115) – pertence à personagem Julieta, de “A Rosa do Lagamar”, e pode ser identificada pelo fato de esta personagem ser casada e de pertencer a um grupo de mulheres que afirmam praticar a filantropia. Em *Três peças escolhidas* há outras personagens que se dispõem a ajudar as pessoas mais pobres, como é o caso da Monitora, de Suzete e de Brigitte. Contudo, a peça “O Morro do Ouro” não deixa entrever, em nenhum momento, que elas sejam casadas.

Pontuação: a questão vale dez pontos, sendo um ponto para cada indicação correta do nome das personagens.

Leia o texto a seguir, que servirá de base para as questões 04 a 07.

		PRIMEIRO ATO
01	Amelinha	– (Virando-se para a mãe) Edmundo está inocente. Sem culpa.
02	Valdelice	– (Fazendo-a calar) Não repita essa asneira. (Pausa) Temos de pressioná-lo, minha filha.
03		Você não tem idade para perceber a ruindade dos homens. Você foi se-du-zi-da.
04	Amelinha	– (Sentando-se) Seduzida?! Mas eu sei que não é verdade!
05	Valdelice	– A história tem de ser diferente... Trate de se convencer disso. [...]
06	Amelinha	– Não me sinto bem em dizer o que não fiz...
07	Agente	– Aprenda a primeira lição: às vezes a verdade não é a que se conhece, mas a outra... (Pausa)
08		É ir por mim. (Notando o laço de fita da moça) Pra que este laço?
09	Amelinha	– Foi idéia da mamãe.
10	Valdelice	– Não a quero desgraciosa diante da autoridade.
11	Agente	– (Compenetrado) Nada de lacinho de fita! Você não é anjo de procissão. (Tom) Quem perde
12		a honra não se interessa por enfeite. (Ríspido) Tire-o.
13	Amelinha	– (Indecisa) Mas eu... eu...
14	Agente	– (Arrebata-lhe o laço) Bobagem! (Pausa) Retira também o ruge, o batom... Tenho de
15		prepará-la para impressionar o delegado, o juiz, todo mundo. Do contrário, ninguém
16		defenderá você. (Tom) Assanhe os cabelos.
		SEGUNDO ATO
17	Benedito	– (À Amelinha, que continua assustada, mas impressionada com a situação que vive)
18		Então, você acabou sendo enganada? (Ela aquiesce) Levou-a no caminhão da entrega
19		sistemática, não foi? (Ela confirma) Vá ver que era um caminhão Ford. (Ao Permanente)
20		Ford! A influência nefasta do capitalismo internacional! (Pausa) E os botijões?
21		Balançavam? Sacudiam? (Pausa) Estavam cheios... ou vazios?
22	Amelinha	– (Num sopro) Vazios...
23	Benedito	– (Eufórico) Vazio! (Pausa, em explosão) Vibravam, não? (Dramatizando) Imagino como
24		não eram ruidosos! (T) Tática de cinema americano, “noir”, de péssima qualidade.
25		(Pausa) E o carro? Corria veloz? E você, gritava?
26	Amelinha	– (Voz débil, a confirmar) Gritava. [...]
27	Benedito	– (A Amelinha) Então estavam vazios os botijões (Ela concorda) Vazios... E o carro corria,
28		em disparada, não? (Ela aquiesce) E fazia aquele ruído...
29	Amelinha	– (Que vai aderindo, qual participasse de um jogo...) Um ruído terrível...
30	Benedito	– Ah, eu imagino! (T.) E o seu desespero? Hem, moça?
31	Amelinha	– Ah, como eu sofri dentro do caminhão...
32	Valdelice	– (Surpresa, à filha) Você nunca me falou antes em caminhão. Que carro é esse?
33	Amelinha	– (Indiferente) O caminhão, mãe... Caminhão Ford. [...]
34	Benedito	– E depois? Hem? Depois?
35	Amelinha	– (Enlevada, mais fantasiosa) Ele me apertava em seus braços fortes, sem mais querer me
36		soltar. (Tom) Meu Deus, era bom mas eu sofria. (Pausa) Eu me sentia tonta,
37		desfalecida, principalmente pelo som infernal dos botijões... E por cima de tudo, eu
38		tinha medo de morrer.
39	Benedito	– (Animando-a) Mais, mais, vai para a primeira página.
40	Amelinha	– Paramos num lugar distante, como se diz mesmo? ... ermo... (Pausa) Onde era? Onde?
41		Ainda hoje me pergunto, sem resposta... (Pausa. T.) Nem sei direito. Mas sei que havia
42		uma árvore muito frondosa, e tinha um rio largo, perto... e... acho que havia também
43		uma cabana. Um velho pescador estava sentado, longe, longe, numa pedra...
44	Valdelice	– Minha filha, você está descrevendo o calendário da sala de jantar! [...]
45	Benedito	– E depois, e depois?
46	Amelinha	– Ele começou a puxar o zíper do meu vestido.
47	Valdelice	– Mas você não tem vestido de zíper!!!
48	Benedito	– Vá contando, me agrada! É matéria de primeira página.
49	Amelinha	– Por fim, rasgou minha combinação de “nylon”.
50	Valdelice	– “Nylon”?! Você nunca usou isso! [...]
51	Valdelice	– (Como se tudo fosse um sonho) Agora que você está mais calma, me diga mesmo como
52		é a história do caminhão, dos botijões vazios... Onde você conseguiu tudo isso?

53	Amelinha – E eu sei, mamãe?! Simpatizei com o moço, e dei de imaginar tudo. (Pausa. T) Será que
54	o meu retrato vai sair bonito no jornal?
	[...]
55	Edmundo – (Principia a falar com indecisão, procurando achar as palavras) Amelinha, eu... queria
56	que você compreendesse... Por favor, conte ao Delegado o que em verdade se passou
57	entre nós dois... Sei que você é direita... (Pausa) Fale.
58	Amelinha – (Em tom indefinido, como se na verdade vivesse outro personagem) Será que você já
59	esqueceu?
60	Edmundo – Esqueceu o quê? Não compreendo.
61	Amelinha – Oh, Edmundo... Vocês, homens, esquecem tão ligeiro!
62	Edmundo – Mas não esqueci nada! Lembro que você me chamou à sua casa. E me abraçava, me
63	queria... E eu então não pude resistir.
	[...]
64	Amelinha – Oh, ao menos hoje, não seja cínico! O caminhão, os botijões vazios! Vamos, não diga
65	que não se lembra! Você me carregou, eu não queria... Me convidou para ver os enfeites
66	da boléia, e, de repente, acionou o motor, partiu veloz. Ah. Foi quando eu gritei, gritei:
67	Não faça isso. Edmundo! Pare! Pare! E você correndo, nem me deu atenção!
68	Edmundo – (Ao Delegado) Isso não! Ao menos a verdade!
	CAMPOS, Eduardo. A donzela desprezada. In: _____ . <i>Três peças escolhidas</i> . Fortaleza: Edições UFC, 2007, p.187-221.

04. Analise o que se pede em cada subitem a seguir e assinale a ÚNICA alternativa correta para cada um. A escolha de mais de uma alternativa por item anula a resposta.

4.1. Os adereços “lacinho de fita” (linha 11) e a maquiagem à base de “ruge” e de “batom” (linha 14) compõem uma imagem de Amelinha. Acerca dessa imagem, é correto afirmar que ela vai de encontro aos anseios:

- () de Valdelice, que almeja valorizar a filha, tirando-lhe a peja de moça desprezada.
 () de Amelinha, que deseja apresentar-se bela a Edmundo, a fim de conquistar seu amor.
 () do Agente, que busca valorizar a versão de sedução, construindo uma imagem falsa de Amelinha.

4.2. Segundo o Agente de polícia, “às vezes a verdade não é a que se conhece, mas a outra...” (linha 07). Em princípio, Amelinha nega-se a aceitar a “outra verdade”; em seguida, ela começa a esboçar-lhe menor rejeição; depois, chega ao ponto em que assume a “outra verdade”. Assinale a alternativa que apresenta, respectivamente, passagens do texto que atestam esses três estágios vividos por Amelinha.

- () “Seduzida?! Mas eu sei que não é verdade!” (linha 04) / “Um ruído terrível...” (linha 29) / “Será que você já esqueceu?” (linhas 58-59).
 () “Edmundo está inocente. Sem culpa” (linha 01) / “Ele começou a puxar o zíper do meu vestido” (linha 46) / “Por fim, rasgou minha combinação de ‘nylon’” (linha 49).
 () “Não me sinto bem em dizer o que não fiz...” (linha 06) / “Mas eu... eu...” (linha 13) / “Levou-a no caminhão da entrega sistemática, não foi? (Ela confirma)” (linhas 18-19).

4.3. Acerca da história a ser publicada por Benedito, é correto afirmar que essa é:

- () motivada pelo desejo de Valdelice de ver a filha na primeira página dos jornais.
 () construída em co-autoria entre Valdelice, o Agente, o próprio Benedito e Amelinha.
 () permeada de detalhes picantes, os quais objetivam a retratação fidedigna da ocorrência denunciada.

4.4. Acerca das personagens do texto, é correto afirmar que, por meio:

- () da personagem Valdelice, Eduardo Campos ressalta o desvelo materno em relação aos filhos.
 () da personagem Benedito, Eduardo Campos denuncia o descompromisso com a verdade dos fatos, atitude vigente em parte da mídia.
 () das personagens Edmundo e Amelinha, Eduardo Campos discute as repercussões das relações sexuais entre jovens.

4.5. Quando frente a frente com Edmundo, Amelinha sustenta a versão dos fatos a ser publicada no jornal. Aplica-se, no caso de Amelinha, o dito popular:

- () “A mentira é o tempero da verdade”.
 () “A brincar se dizem muitas verdades”.
 () “Uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade”.

Questão 04

Respostas: 4.1. do Agente, que busca valorizar a versão de sedução, construindo uma imagem falsa de Amelinha. 4.2. “Seduzida?! Mas eu sei que não é verdade!” (linha 04) / “Um ruído terrível...” (linha 29) / “Será que você já esqueceu?” (linhas 58-59). 4.3. construída em co-autoria entre Valdelice, o Agente, o próprio Benedito e Amelinha. 4.4. da personagem Benedito, Eduardo Campos denuncia o descompromisso com a verdade dos fatos, atitude vigente em parte da mídia. 4.5. “Uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade”.

Comentário: a questão 04 explora compreensão leitora. Ao longo do texto da peça “A donzela desprezada”, percebe-se a composição de três distintas imagens da personagem Amelinha – uma fomentada pela mãe da moça, Valdelice, a qual arruma a filha com lacinho de fita na cabeça, faz-lhe passar batom e ruge, penteia os cabelos da jovem etc., a fim de tirar-lhe a peja de moça desprezada; outra, fomentada pelo Agente da polícia, o qual desfaz a imagem criada pela mãe de Amelinha, a fim de valorizar a versão segundo a qual a moça foi seduzida por Edmundo; e outra, produzida pelo repórter Benedito, o qual procede à montagem, para o jornal, de duas fotos da moça: em uma, ela aparece de véu e rosário; na outra, com os braços cruzados à linha dos seios e com os cabelos desgrenhados; essa última é uma ampliação, portanto, da imagem suscitada pelo Agente. O item 4.1. indaga acerca da imagem criada pela mãe de Amelinha; essa **vai de encontro**, ou seja, age em sentido contrário, aos anseios de qual das personagens: de Valdelice, de Amelinha ou do Agente? Respondeu corretamente quem assinalou a terceira alternativa: “do Agente, que busca valorizar a versão de sedução, construindo uma imagem falsa de Amelinha”. Conforme acaba de ser comentado, a composição envolvendo lacinho de fita e maquiagem à base de ruge e batom **vai ao encontro**, ou seja, é consoante, aos anseios de Valdelice. Por sua vez, a composição da imagem de Amelinha suscitada por Valdelice vai de encontro ao estado de ânimo da moça, que está atordoada com a incerteza dos sentimentos de Edmundo por ela, mas essa imagem não vai de encontro aos anseios de Amelinha por ela desejar apresentar-se bela a Edmundo, como afirma a segunda alternativa. Se esse fosse seu desejo, a produção fomentada pela mãe, provavelmente, iria ao encontro desse almejo. Ao longo do texto, outro aspecto de grande relevo concerne às fases vividas pela personagem Amelinha. A princípio, Amelinha nega-se a aceitar a “outra verdade” – a versão de que ela foi seduzida; em seguida, ela começa a esboçar menor rejeição à “outra verdade”; depois, chega ao ponto em que assume a “outra verdade”. O item 4.2. solicita que o candidato assinale a alternativa que apresenta, respectivamente, passagens do texto que atestam esses três estágios. A única alternativa correta é a primeira: “Seduzida?! Mas eu sei que não é verdade!” (linha 04) / “Um ruído terrível...” (linha 29) / “Será que você já esqueceu?” (linhas 58-59). A primeira passagem é parte da conversa entre Amelinha e sua mãe, ainda antes da chegada da polícia, cuja presença já foi solicitada. Tenta Valdelice convencer a jovem a propagar uma mentira acerca da realidade dos fatos envolvendo Amelinha e Edmundo. A segunda passagem é parte do início da conversa entre o repórter Benedito e a jovem Amelinha, agora no ambiente da delegacia. Qual participasse de um jogo, Amelinha começa a fantasiar, a compor, juntamente com Benedito, todo um enredo fictício, o qual incrimina Edmundo e a coloca na cômoda situação de vítima. A terceira passagem é parte do diálogo entre Edmundo e Amelinha; o rapaz tenta em vão fazer Amelinha recobrar o bom senso e tornar à verdade dos fatos. Ludibriada com as promessas de “brilhar na crônica social dos jornais”, Amelinha fala como se “vivesse outro personagem” e reproduz a história fictícia que a poria “lado a lado com as damas do soçate”, conforme assevera Benedito. A segunda alternativa, “Edmundo está inocente. Sem culpa” (linha 01) / “Ele começou a puxar o zíper do meu vestido” (linha 46) / “Por fim, rasgou minha combinação de ‘nylon’” (linha 49), não apresenta passagens do texto que atestam os três referidos estágios. A primeira passagem, de fato, representa o primeiro estágio; mas as duas seguintes refletem o terceiro, quando Amelinha já está envolvida com a deturpação das ocorrências a ponto de chocar a própria mãe, Valdelice, que se surpreende com a inventividade da filha. A terceira alternativa, “Não me sinto bem em dizer o que não fiz...” (linha 06) / “Mas eu... eu...” (linha 13) / “Levou-a no caminhão de entrega sistemática, não foi? (Ela confirma)” (linhas 18-19), não apresenta passagens do texto que atestam os três referidos estágios. As duas primeiras passagens representam o primeiro estágio. Nota-se que Amelinha expressa, ao Agente, o quanto falsear o que ocorreu entre ela e Edmundo a constrange e, novamente ao Agente, procura verbalizar que não foi seduzida. A terceira passagem representa o momento em que Amelinha começa a esboçar menor rejeição à mentira. Nota-se que, já em conversa com Benedito, a jovem começa a preencher as linhas da história sensacionalista esboçada pelo repórter; sem palavras, apenas por gestos, Amelinha confirma o início do enredo criado por Benedito. O item 4.3. versa acerca da história a ser publicada por Benedito. É correto afirmar que essa é “construída em co-autoria entre Valdelice, o Agente, o próprio Benedito e Amelinha”, conforme a segunda alternativa assevera. Valdelice, ciente da perda da virgindade da filha e aterrorizada com a possível demissão do cargo que exerce, o de zeladora da igreja, dá o mote da nova versão – a filha foi seduzida por um libertino. Dado o mote, este será propagado pelos representantes da Lei – o Agente e o Permanente de polícia aceitam endossar a farsa, motivados por “uma quota de mais de trinta mil reais”

destinada a quem colaborar. Na seqüência, Benedito, o repórter, elabora, com Amelinha, todo um enredo picante, o qual fará sucesso nas páginas do jornal. A primeira alternativa, a qual assevera que a história a ser publicada por Benedito é “motivada pelo desejo de Valdelice de ver a filha na primeira página dos jornais”, é errada. Valdelice é movida pelo temor de perder seu emprego na igreja, não pela ambição de fazer da filha uma estrela. O desejo de “brilhar na crônica social dos jornais” é fomentado em Amelinha por Benedito, não procede de Valdelice. Esta queria a menor exposição possível da filha, pois o escândalo também poderia causar-lhe a demissão. A terceira alternativa, a qual assevera que a história a ser publicada por Benedito “é permeada de detalhes picantes, os quais objetivam a retratação fidedigna da ocorrência denunciada”, é errada. De fato, a história é, sim, permeada de detalhes picantes, os quais objetivam vender os exemplares do jornal, mas não há fidedignidade alguma em um enredo que não reflete a verdade do que se passou entre Edmundo e Amelinha. O item 4.4. versa acerca das personagens. É correto afirmar que, por meio “da personagem Benedito, Eduardo Campos denuncia o descompromisso com a verdade dos fatos, atitude vigente em parte da mídia”, conforme a segunda alternativa assevera. De olhar social crítico, Eduardo Campos não perde a oportunidade de, ao longo de sua obra, denunciar as mazelas e os vícios do mundo à sua volta. Como jornalista que era, Eduardo Campos, por meio da personagem Benedito, denuncia um tipo de imprensa que sempre combateu: a que visa à difusão de inverdades travestidas de fato jornalístico. A primeira alternativa, a qual assevera que, por meio “da personagem Valdelice, Eduardo Campos ressalta o desvelo materno em relação aos filhos”, é errada. Valdelice não se apresenta como mãe preocupada com os sentimentos da filha, mas como mulher que precisa manter os valores “morais”, a todo o custo, entendidos como esperados da filha da zeladora da igreja, a fim de que ela, Valdelice, não seja apenada com a perda do emprego. A terceira alternativa, a qual assevera que, por meio “das personagens Edmundo e Amelinha, Eduardo Campos discute as repercussões das relações sexuais entre jovens”, é errada. Não há essa discussão na peça. Na verdade, Amelinha entregou-se ao seu amado, Edmundo, e este a ela. Ao término da peça, Amelinha recobra seu senso de justiça e verdade, e admite a Edmundo o quanto o ama e o quanto se arrepende de toda a história falsa que foi impelida a contar. Por fim, Edmundo faz de Amelinha sua mulher, o que ela tanto desejava, não nos moldes almejados por Valdelice, mas a levando no caminhão da entrega sistemática de gás para viverem seu amor. O item 4.5. explora a intertextualidade exoliterária, na medida em que solicita ao candidato que assinale o dito popular que se aplica à personagem Amelinha no momento em que, frente a frente com Edmundo, na delegacia, ela sustenta a falsa versão dos fatos a ser publicada em jornal. É correto afirmar que se aplica, no caso de Amelinha, o dito popular “Uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade”, conforme consta na terceira alternativa. Ao longo do enredo da peça, conforme explorado no item 4.2. desta questão, Amelinha vive sentimentos distintos quanto à aceitação da versão de sedução fomentada por sua mãe. Ao deparar-se com Edmundo, ela se encontra no auge da aceitação da inverdade, ludibriada pelo falso brilho de ser o centro das atenções de um escândalo forjado. Nesse ponto do enredo, Amelinha já foi tão reiteradamente, e por tantos, bombardeada com a mentira que acabou por se convencer dela; como diz o dito popular, “Uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade”. A primeira alternativa, segundo a qual se aplica, no caso de Amelinha, o dito popular “A mentira é o tempero da verdade”, é errada. A história admitida por Amelinha diante do próprio Edmundo não é “temperada” com a mentira, antes é falsa por excelência, pois nem Edmundo nem Amelinha procederam do modo como a versão a ser publicada narra. A segunda alternativa, que diz aplicar-se, no caso de Amelinha, o dito popular “A brincar se dizem muitas verdades”, é errada. A história com a qual Amelinha confronta Edmundo é falsa em todos os seus meandros, como acaba de ser comentado. Além disso, Amelinha não está em tom de brincadeira ao defrontar-se com Edmundo. Ela o interpela “como se na verdade vivesse outro personagem”, ou seja, na pele de vítima.

Pontuação: a questão vale dez pontos, sendo dois pontos para cada indicação da resposta correta.

05. Preencha os parênteses com **V** ou **F** conforme seja verdadeiro ou falso o que se afirma sobre o texto da prova.
- 5.1. () São características do texto teatral a alternância de turnos de fala, o discurso direto e as indicações espaciais e temporais em que transcorrem as ações das personagens.
 - 5.2. () As indicações constantes entre parênteses, ao longo do texto teatral, são imprescindíveis por ocasião da encenação, mas acessórias à compreensão leitora.
 - 5.3. () A forma de grafar a palavra *seduzida* (“se-du-zi-da” – linha 03) indica o modo como deve ser pronunciada, por ocasião da interpretação.
 - 5.4. () O verbo *ter* atua como verbo auxiliar modal nas orações “Temos de pressioná-lo, minha filha” (linha 02) e “Você não tem idade para perceber a ruindade dos homens” (linha 03).
 - 5.5. () O sufixo *-inho* em “lacinho de fita” (linha 11) denota carinho.
 - 5.6. () As formas verbais imperativas “Tire” (linha 12) e “conte” (linha 56) marcam a existência de uma relação hierarquicamente superior daquele que fala em relação a um ato que ele exige do seu interlocutor.

- 5.7. () Nas falas de Valdelice, “Minha filha, você está descrevendo o calendário da sala de jantar!” (linha 44) e “Mas você não tem vestido de zíper!!!” (linha 47), o aumento progressivo do ponto de exclamação denota a gradação de surpresa.
- 5.8. () A expressão “entre nós dois” (linha 57), pelas regras da gramática normativa, pode ser substituída por “entre você e eu”.
- 5.9. () A inserção do pronome oblíquo *me* em “Mas não esqueci nada!” (linha 62), pelas regras da gramática normativa, resultaria em “Mas não me esqueci nada!”.
- 5.10. () A oração “às vezes a verdade não é a que se conhece, mas a outra...” (linha 07) exerce a função de aposto do objeto direto “a primeira lição” (linha 07).

Questão 05

Respostas: (V) – (F) – (V) – (F) – (F) – (F) – (V) – (F) – (F) – (V).

Comentário: a questão 05 explora características do texto teatral (itens 5.1 e 5.2); inter-relação entre formas de grafar e expressão falada (item 5.3); noções semânticas expressas pelo verbo *ter* (item 5.4), por sufixo (item 5.5), por forma verbal imperativa (item 5.6), pelo uso do ponto de exclamação (item 5.7); utilização dos pronomes pessoais (itens 5.8 e 5.9) e função sintática apositiva (item 5.10). O que se afirma em 5.1. é **verdadeiro**. São características do texto teatral a alternância de turnos de fala, o discurso direto e as indicações espaciais e temporais em que transcorrem as ações das personagens. Essas características são evidentes no texto da prova. Como texto escrito visando à encenação, o texto teatral é construído pelo encadeamento sucessivo das falas das personagens, portanto o predomínio é do discurso direto, a ser interpretado pelos atores que darão materialidade às personagens, e a essas falas somam-se as indicações do espaço físico e temporal em que transcorrerão. O que se afirma em 5.2. é **falso**. As indicações constantes entre parênteses, ao longo do texto teatral, são imprescindíveis tanto à encenação quanto à compreensão leitora. Essas indicações que aparecem nos parênteses chamam-se rubricas. Segundo Costa (2008, p. 147), “Na peça de teatro não existe a figura do narrador, apenas os diálogos e as rubricas, que orientam o leitor e o diretor sobre a montagem da cena, o figurino usado pelos personagens e a entonação da voz, por exemplo. A maneira como as coisas são ditas permite ao leitor fazer inferências sobre as características de cada personagem e compreender os conflitos da trama”. O dramaturgo as concebe visando transmitir, ao diretor da peça, a sua visão quanto às emoções a serem transmitidas pelos atores por ocasião da encenação, a localização espacial e temporal na qual as ações das personagens transcorrerão etc. Por sua vez, é na observação dessas indicações que a leitura do texto teatral torna-se compreensiva em sua inteireza. O que se afirma em 5.3. é **verdadeiro**. A forma de grafar a palavra *seduzida* (“se-du-zi-da” – linha 03) indica o modo como deve ser pronunciada, por ocasião da interpretação. Na tentativa de marcar indelevelmente na mente de Amelinha qual a versão dos fatos a ser internalizada e propagada, Valdelice, pausada e enfaticamente, diz que a filha foi “se-du-zi-da”. O que se afirma em 5.4. é **falso**. O verbo *ter* atua como verbo auxiliar modal apenas na construção sintática “Temos de pressioná-lo, minha filha” (linha 02). Na construção “Você não tem idade para perceber a ruindade dos homens” (linha 03), o verbo *ter* está empregado como verbo pleno, não como verbo auxiliar. Acerca dos auxiliares modais, lemos em Bechara (1999, p. 232): “os auxiliares modais se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor o modo como se realiza ou se deixa de realizar a ação verbal”. No caso do construto oracional “Temos de pressioná-lo, minha filha”, nota-se que o auxiliar modal *ter* combina-se com o infinitivo *pressionar* para determinar o caráter de obrigatoriedade na realização da ação verbal. Por sua vez, no construto “Você não tem idade para perceber a ruindade dos homens”, o verbo *ter* significa *possuir*; assevera a mãe de Amelinha que a menina não possui idade para perceber a ruindade dos homens. O que se afirma em 5.5. é **falso**. O sufixo *-inho* em “lacinho de fita” (linha 11) denota desdém, e não carinho. Os sufixos revestem-se de muitas acepções. A noção de aumentativo, por exemplo, ocorre, muitas vezes, paralela à de coisa grotesca e se aplica às idéias pejorativas. Por sua vez, os sufixos que formam nomes diminutivos traduzem carinho, desdém etc. No contexto da peça, o Agente da polícia, ao construir a imagem de Amelinha qual moça seduzida, censura o lacinho de fita que a jovem colocou no cabelo e ordena que a moça o retire. No contexto, temos “**Agente** – (Compenetrado) Nada de *lacinho de fita!* Você não é anjo de procissão. (Tom) Quem perde a honra não se interessa por enfeite. (Ríspido) Tire-o” (linhas 11-12). Faz-se mister, portanto, à correta interpretação do valor emanado dos sufixos, a consideração na situação real de uso. O que se afirma em 5.6. é **falso**. A forma verbal imperativa “Tire” (linha 12), de fato, marca a existência de uma relação hierarquicamente superior daquele que fala em relação a um ato que ele exige do seu interlocutor. No contexto da peça, a forma verbal “Tire” é parte da fala do Agente de polícia, o qual, de modo ríspido, ordena que Amelinha *tire* o lacinho de fita de seus cabelos, pois o adereço vai de encontro à imagem de moça seduzida. No entanto, a forma verbal imperativa “conte” (linha 56) não marca a existência da mesma relação de hierarquia. No contexto, a forma verbal “conte” é parte da fala de Edmundo, o qual, de modo hesitante, “procurando achar as palavras”, solicita à Amelinha que ela conte a verdade ao Delegado, a fim de que ele, Edmundo, possa ter seu nome limpo. Enquanto a forma verbal

“Tire” expressa ordem, a forma “conte” expressa uma solicitação. Apenas identificar uma dada forma verbal como imperativa é insuficiente para afirmar-se que ela emana o valor de ordem e marca a existência de uma relação hierárquica de superioridade entre os interlocutores; é preciso analisar a forma verbal em seu contexto de uso. O que se afirma em 5.7. é **verdadeiro**. Nas falas de Valdelice, “Minha filha, você está descrevendo o calendário da sala de jantar!” (linha 44) e “Mas você não tem vestido de zíper!!!” (linha 47), o aumento progressivo do ponto de exclamação denota a gradação de surpresa. No contexto da peça, temos: “**Amelinha** – Paramos num lugar distante, como se diz mesmo? ... ermo... (Pausa) Onde era? Onde? Ainda hoje me pergunto, sem resposta... (Pausa. T.) Nem sei direito. Mas sei que havia uma árvore muito frondosa, e tinha um rio largo, perto... e... acho que havia também uma cabana. Um velho pescador estava sentado, longe, longe, numa pedra... / **Valdelice** – *Minha filha, você está descrevendo o calendário da sala de jantar!* / **Benedito** – E depois, e depois? / **Amelinha** – Ele começou a puxar o zíper do meu vestido. / **Valdelice** – *Mas você não tem vestido de zíper!!!*” (linhas 40-47). Nota-se a gradação de surpresa, que se intensifica a cada invenção de Amelinha. Acerca dessa possibilidade de uso do ponto de exclamação, lemos em Bechara (1999, p. 608): “Há escritores que denotam a gradação de surpresa através da narração com o aumento progressivo do ponto de exclamação ou de interrogação”. O que se afirma em 5.8. é **falso**. De acordo com as gramáticas normativas de língua portuguesa, a expressão *entre nós dois* deve ser substituída por *entre mim e ti*, não por *entre você e eu*, pois as preposições essenciais, como é o caso da preposição *entre*, introduz pronomes pessoais do caso oblíquo tônicos. O que se afirma em 5.9. é **falso**. A inserção do pronome oblíquo *me* em “Mas não esqueci nada!” (linha 62), pelas regras da gramática normativa, resultaria em “Mas não me esqueci de nada!”. De acordo com as gramáticas normativas de língua portuguesa, quando pronominais, os verbos *esquecer* e *lembrar* são transitivos indiretos e exigem complemento indireto introduzido pela preposição *de*. Assim, tem-se “Não esqueço os amigos” ou “Não me esqueço dos amigos” / “Não lembro nada” ou “Não me lembro de nada”. O que se afirma em 5.10. é **verdadeiro**. A oração “às vezes a verdade não é a que se conhece, mas a outra...” (linha 07) exerce a função de aposto do objeto direto “a primeira lição” (linha 07). No contexto da peça, temos: “**Agente** – Aprenda a primeira lição: às vezes a verdade não é a que se conhece, mas a outra...” (linha 07). Tem-se que “a primeira lição” é o complemento direto do verbo *aprender*. Mas que primeira lição é essa? Segundo o Agente, “às vezes a verdade não é a que se conhece, mas a outra...”. Destacam Nicola e Infante (1997, p. 280): “Pode-se ampliar, explicar, desenvolver ou resumir a idéia contida num termo que exerça qualquer função sintática por meio de um termo acessório a ele equivalente: o aposto”.

Pontuação: a questão vale dez pontos, sendo um ponto para cada preenchimento correto.

06. A. Dentre algumas funções, as **reticências** são empregadas para denotar:

- (1) hesitação;
- (2) enumeração incompleta.

Observe, nas passagens do texto transcritas a seguir, o emprego das reticências, identifique a razão pela qual foram utilizadas e, em seguida, de acordo com o código apresentado, preencha os parênteses, estabelecendo a correlação adequada entre o uso na passagem e o valor denotado.

- a.1. “Retire também o ruço, o batom...” (linha 14). ()
- a.2. “Mas sei que havia uma árvore muito frondosa, e tinha um rio largo, perto... e... acho que havia também uma cabana” (linhas 41-43). ()
- a.3. “Amelinha, eu... queria que você compreendesse... Por favor, conte ao Delegado o que em verdade se passou entre nós dois... Sei que você é direita... (Pausa) Fale” (linhas 55-57). ()

B. Dentre algumas funções, a **vírgula** é empregada para separar:

- (1) vocativo;
- (2) repetições;
- (3) termos coordenados;
- (4) oração adjetiva de valor explicativo;
- (5) orações coordenadas aditivas proferidas com pausa.

Observe, nas passagens do texto transcritas a seguir, o emprego das vírgulas, identifique a razão pela qual foram utilizadas e, em seguida, de acordo com o código apresentado, preencha os parênteses, estabelecendo a correlação adequada entre o uso e a regra.

- b.1. “E depois, e depois?” (linha 45). ()
- b.2. “E o seu desespero? Hem, moça?” (linha 30). ()
- b.3. “Temos de pressioná-lo, minha filha” (linha 02). ()

- b.4. “Simpatizei com o moço, e dei de imaginar tudo” (linha 53). ()
- b.5. “Tenho de prepará-la para impressionar o delegado, o juiz, todo mundo” (linhas 14-15). ()
- b.6. “(À Amelinha, que continua assustada, mas impressionada com a situação que vive.)” (linha 17). ()

C. A **vírgula** também é empregada para *isolar adjuntos adverbiais*. Com base nesse conhecimento, transcreva, da fala de Benedito, uma frase em que a vírgula está empregada para isolar um adjunto adverbial de modo.

Questão 06

Respostas do item A: (2) – (1) – (1).

Respostas do item B: (2) – (1) – (1) – (5) – (3) – (4).

Resposta do item C: “E o carro corria, em disparada, não?” (linhas 27-28).

Comentário: a questão 06 explora a compreensão da pontuação no entendimento do texto, especificamente dos usos das reticências (item A) e das vírgulas (itens B e C). Acerca do uso das reticências na construção textual, lemos em Bechara (1999, p. 608) que elas “Denotam interrupção ou incompletude do pensamento (ou porque se quer deixar em suspenso, ou porque os fatos se dão com breve espaço de tempo intervalar, ou porque o nosso interlocutor nos toma a palavra) ou hesitação em enunciá-lo”. Servem também para “indicar uma enumeração inconclusa” e para indicar “a não-reposta do interlocutor”. Com base nesse conhecimento, tem-se que, em “Retire também o ruço, o bato...” (linha 14), o uso das reticências denota enumeração incompleta. No contexto da peça, deveria Amelinha despojar-se de toda a indumentária que a adornava, a fim de aparentar desolação peculiar a uma donzela seduzida. Em “Mas sei que havia uma árvore muito frondosa, e tinha um rio largo, perto... e... acho que havia também uma cabana” (linhas 41-43) e em “Amelinha, eu... queria que você compreendesse... Por favor, conte ao Delegado o que em verdade se passou entre nós dois... Sei que você é direita... (Pausa) Fale” (linhas 55-57), o uso das reticências denota hesitação. No contexto, tem-se, na fala de Amelinha, a hesitação natural de quem está, de improviso, fabulando; na fala de Edmundo, tem-se a hesitação de quem “pricipia a falar com indecisão, procurando achar as palavras”. O preenchimento correto é (2) – (1) – (1). Acerca do uso das vírgulas na construção textual, diz Bechara (1999, p. 608-609) que elas são empregadas para separar vocativos, repetições, termos coordenados, oração adjetiva de valor explicativo, orações coordenadas aditivas proferidas com pausa etc. Com base nesse conhecimento, tem-se que, em “E depois, e depois?” (linha 45), a vírgula é usada para separar repetições, as quais não têm efeito superlativamente, pois, se o tivessem, as vírgulas não seriam empregadas. Em “E o seu desespero? Hem, moça?” (linha 30) e em “Temos de pressioná-lo, minha filha” (linha 02), a vírgula é usada para separar o vocativo. Acerca do vocativo, diz Bechara (1999, p. 460) que “Desligado da estrutura argumental da oração e desta separado por curva de entonação exclamativa, o vocativo cumpre a função apelativa de 2ª pessoa, pois, por seu intermédio, chamamos ou pomos em evidência a pessoa ou coisa a que nos dirigimos: *José*, vem cá! Tu, *meu irmão*, precisas estudar! *Felicidade*, onde te escondes?”. Em “Simpatizei com o moço, e dei de imaginar tudo” (linha 53), a vírgula é usada para separar orações coordenadas aditivas proferidas com pausa. Esse uso é facultativo, pois as orações coordenadas aditivas, nessa passagem, compartilham o mesmo sujeito; o uso seria obrigatório se as orações apresentassem sujeitos distintos. Em “Tenho de prepará-la para impressionar o delegado, o juiz, todo mundo” (linhas 14-15), a vírgula é usada para separar termos coordenados. Observa-se que “o delegado, o juiz, todo mundo” exerce função de objeto direto. Em “(À Amelinha, que continua assustada, mas impressionada com a situação que vive)” (linha 17), a vírgula é usada para separar oração adjetiva de valor explicativo. Tem-se uma explicação no que concerne ao estado de Amelinha no contexto em que se encontrava a personagem. O preenchimento correto, portanto, é (2) – (1) – (1) – (5) – (3) – (4). Ainda acerca do uso das vírgulas, o item C da questão solicita ao candidato que transcreva, da fala de Benedito, uma frase em que a vírgula está empregada para isolar um adjunto adverbial de modo. Obteve êxito o candidato que transcreveu a oração “E o carro corria, em disparada, não?” (linhas 27-28).

Pontuação: a questão vale dez pontos e é composta de três itens, sendo que o item A vale três pontos, um para cada preenchimento correto; o item B vale seis pontos, um para cada preenchimento correto; e o item C vale um ponto, para a correta transcrição solicitada.

07. Transcreva **APENAS** a parte do texto a que as expressões destacadas se referem.

7.1. “Não repita **essa asneira**” (linha 02).

7.2. “Trate de se convencer **disso**” (linha 05).

7.3. “Você nunca usou **isso!**” (linha 50).

7.4. “Onde você conseguiu **tudo isso?**” (linhas 52).

7.5. “Não faça **isso**” (linha 67).

Questão 07

Respostas: 7.1. “Edmundo está inocente. Sem culpa” (linha 01); 7.2. “A história tem de ser diferente” (linha 05); 7.3. “Nylon” (linha 50); 7.4. “a história do caminhão, dos botijões vazios...” (linha 52); 7.5. “acionou o motor, partiu veloz” (linha 66).

Comentário: a questão 07 explora referencialização, principalmente o papel dos pronomes demonstrativos na construção da tessitura textual. A expressão destacada em “Não repita **essa asneira**” (linha 02) retoma a porção textual “Edmundo está inocente. Sem culpa” (linha 01). Retornando ao contexto da peça, tem-se que Valdelice assim qualifica a asseveração de Amelinha. Para Valdelice, é uma asneira asseverar que “Edmundo está inocente. Sem culpa”; asneira que não deve ser repetida. O pronome destacado em “Trate de se convencer **disso**” (linha 05) retoma a porção textual “A história tem de ser diferente” (linha 05). Na opinião de Valdelice, é disso que Amelinha precisa se convencer a fim de não desmoralizar a própria mãe. O pronome destacado em “Você nunca usou **isso!**” (linha 50) retoma a expressão “Nylon” (linha 50). A fala de Valdelice, nesse contexto, esboça admiração e rechaça a versão criada por Amelinha. A expressão destacada em “Onde você conseguiu **tudo isso?**” (linha 52) retoma a porção textual “a história do caminhão, dos botijões vazios...” (linha 52). Valdelice, surpresa com o gênio inventivo da filha, indaga à jovem de onde ela tirou toda a história que contou a Edmundo. O pronome destacado em “Não faça **isso**” (linha 67) retoma a porção textual “acionou o motor, partiu veloz” (linha 66). Amelinha, ao (re)lembrar a Edmundo o que lhe teria dito no momento em que ele a carregou, diz que, “de repente, ele acionou o motor, partiu veloz”, e afirma ter sido neste momento (“Foi quando eu gritei”) que bradou “Não faça isso.”

Pontuação: a questão vale dez pontos, sendo dois pontos para cada preenchimento correto.

08. No quadro a seguir, na coluna 1, há uma passagem da peça “A donzela desprezada”; na coluna 2, há indicações de ações ou de emoções das personagens, as quais devem constar nos parênteses das falas que compõem a passagem da peça transcrita na coluna 1. Com base em seus conhecimentos sobre a construção do gênero textual peça teatral, preencha os parênteses da coluna 1 com o número correspondente à rubrica que deve aí constar.

COLUNA 1	COLUNA 2
Valdelice – A história tem de ser diferente... Trate de se convencer disso.	
Amelinha – A senhora me desculpe. Não, não foi assim... Prefiro partir, sair daqui, deixar o subúrbio, desaparecer... (____) Desse modo a senhora não se envergonhará de mim...	(1) (Tom, magoada) (2) (Tom, enfurecida) (3) (Tom, envaidecida)
Valdelice – (____) Escutam lá fora... Não permitirei que aja impensadamente. Você foi seduzida. Não entra na cabeça de ninguém que a filha da zeladora da igreja seja uma pecadora. (Pausa) E as aulas de catecismo? E os bons conselhos do vigário?	(1) (Fazendo a filha desculpar-se) (2) (Fazendo a filha baixar a voz) (3) (Fazendo a filha diminuir a soberba)
Amelinha – Sei que firo seu orgulho, mas eu que me deixei desfrutar...	
Valdelice – (____) Você foi enfeitiçada. Isso! Edmundo terá de se casar.	(1) (Reagindo forte) (2) (Reagindo meiga) (3) (Reagindo tímida)
Amelinha – (____) Mas como? Que devo fazer?	(1) (Com firmeza, concentrada) (2) (Com receio, aborrecida) (3) (Em dúvida, atordoada)

Valdelice – Faz-se a queixa, conta-se tudo à autoridade, tudo, toda a desgraça.	
Amelinha – (____) Não, não pode ser...	(1) (Anuindo, segura) (2) (Resistindo, insegura) (3) (Concordando, esperançosa)
Valdelice – Tenha em mente: filha minha não procederá mal! (De pente na mão para pentear a filha) Filhinha, reaja contra os maus pensamentos. Vamos, veja-se ao espelho. Ponha um pouco de ruge. Você está pálida...	
CAMPOS, Eduardo. A donzela desprezada. In: _____. <i>Três peças escolhidas</i> . Fortaleza: Edições UFC, 2007, p.188.	

Questão 08

Respostas: (1) – (2) – (1) – (3) – (2).

Comentário: a questão 08 explora a compreensão da constituição do gênero peça teatral e o conhecimento do enredo da peça “A donzela desprezada”. Por ser um texto a ser encenado, a peça teatral é repleta de rubricas, ou seja, de indicações do dramaturgo quanto às expressões das personagens por ocasião da fala, quanto à localização das personagens em relação ao cenário e às demais personagens etc. Essas rubricas visam transmitir, ao diretor da peça, a visão do dramaturgo quanto às emoções a serem vividas pelos atores por ocasião da encenação, bem como a localização espacial e temporal na qual as ações das personagens transcorrerão etc. Assim, é na observação dessas indicações que a leitura do texto teatral torna-se compreensiva em sua inteireza. Não se trata, pois, de um registro que interessa apenas aos atores e aos diretores das peças, mas um registro primordial ao leitor do texto teatral; afinal, estar a fala antecedida da especificação, por exemplo, da emoção a ser passada ao espectador por ocasião da encenação – frieza, tristeza, ressentimento – permite ao leitor compreender o enredo e a constituição das personagens. O candidato que atentamente estudou a obra *Três peças escolhidas* observa que a passagem da peça transcrita na questão 08 corresponde aos primeiros momentos do enredo, quando Valdelice fica sabendo que Amelinha perdeu a virgindade com Edmundo. Nesses primeiros momentos, trava-se o embate entre mãe e filha. Esta, atordoada, deseja saber o que Edmundo sente por ela; haverá ou não futuro na relação dos dois? Aquela, por seu caráter pragmático, está preocupada em manter seu emprego de zeladora da igreja, o qual exige que ela sustente a imagem de castidade da filha. Assim, resolve Valdelice que a filha foi enganada, seduzida, mas nunca libertina. A rubrica que corretamente preenche os parênteses da fala de Amelinha – “A senhora me desculpe. Não, não foi assim... Prefiro partir, sair daqui, deixar o subúrbio, desaparecer... () Desse modo a senhora não se envergonhará de mim...” – é **Tom, magoada**, portanto o candidato deve escrever o número 1 dentro dos parênteses. As próprias reticências constantes nessa passagem, indicando hesitação, bem como o tom respeitoso com que Amelinha se dirige à mãe – “A senhora me desculpe” – são indicações que desabonam as outras duas rubricas (Tom, enfurecida / Tom, envaidecida) e assinalam ser o tom da fala o de mágoa; ela se ressentida de ser um motivo de vergonha para sua mãe. A rubrica que corretamente preenche os parênteses da fala de Valdelice – “() Escutam lá fora... Não permitirei que aja impensadamente. Você foi seduzida. Não entra na cabeça de ninguém que a filha da zeladora da igreja seja uma pecadora. (Pausa) E as aulas de catecismo? E os bons conselhos do vigário?” – é **Fazendo a filha baixar a voz**, devendo o candidato escrever o número 2 dentro dos parênteses. O enunciado começa com Valdelice alertando a filha acerca da curiosidade dos moradores do bairro – “Escutam lá fora...”. Como Valdelice precisa impedir o escândalo da divulgação de que Amelinha não é mais donzela, ela procura fazer Amelinha falar baixo. As outras rubricas não se adéquam ao contexto; a questão nunca foi o que Amelinha fez, mas o que pode acontecer a Valdelice se a história se espalhar; por isso, ela não está preocupada em fazer a filha desculpar-se, mas em fazê-la a filha concordar em contar uma mentira sobre o assunto. Tampouco há soberba da parte de Amelinha; há, sim, mágoa, dúvida. A rubrica que corretamente preenche os parênteses da fala de Valdelice – “() Você foi enfeitada. Isso! Edmundo terá de se casar” – é **Reagindo forte**, por isso o candidato deve escrever o número 1 dentro dos parênteses. Nota-se o tom assertivo da fala de Valdelice, que rebate com veemência a fala anterior de Amelinha, impondo uma obrigação que recai sobre Edmundo. Por meio do verbo auxiliar modal *ter de*, Valdelice instaura uma obrigação a ser cumprida por Edmundo. Conforme já comentado, a personagem Valdelice tem como principal meta a manutenção de sua condição no meio social em que vive; ela é, e deseja continuar a ser, a zeladora da igreja. As demais rubricas são incompatíveis com a constituição da personagem Valdelice e com o conteúdo imperativo de sua fala. A rubrica que corretamente preenche os parênteses da fala de Amelinha – “() Mas como? Que devo fazer?” – é **Em dúvida, atordoada**, logo, o candidato deve escrever o número 3 nos parênteses. Observa-se que a fala é constituída de duas interrogações sucessivas, o que remete à idéia de dúvida. Recorrendo ao contexto da peça, tem-se que Amelinha deseja casar-se com Edmundo. Assim, ela está atordoada, pois se defronta com uma luta interior – manter a verdade ou, pela mentira, alcançar o almejado casório. As duas outras rubricas não cabem no contexto. A rubrica que corretamente preenche os

parênteses da fala de Amelinha – “() Não, não pode ser...” – é **Resistindo, insegura**, devendo o candidato escrever o número 2 dentro dos parênteses. A fala é constituída de dois advérbios de negação, o que vai de encontro aos sentidos expressos nas duas outras rubricas (Anuindo, segura / Concordando, esperançosa). Além disso, é finalizado com reticências, as quais denotam hesitação. Recorrendo ao contexto da peça, tem-se aqui a Amelinha insegura, resistindo a ir de encontro a seus princípios de honestidade.

Pontuação: a questão vale dez pontos, sendo dois para cada indicação correta da rubrica adequada às falas das personagens.

Bibliografia consultada

COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

NICOLA, José de; INFANTE, Ulisses. *Gramática contemporânea da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione, 1997.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

